



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro  
Brasil

de Meneses Gonçalves, Antonio José  
Vivendo estados alterados - a consciência como uma narrativa em aberto  
Periferia, vol. 3, núm. 2, julho-diciembre, 2011  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156375009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Vivendo estados alterados - a consciência como uma narrativa em aberto**

Antonio José de Meneses Gonçalves <sup>1</sup>

Resumo: Estudos cognitivos indicam que o ordenamento do real se dá como uma experiência narrativa que emerge em nossas redes neurais. Desse ponto de vista, estados alterados - sejam associados a drogas ou a patologias psíquicas - podem ser vistos como narrativas alternativas à da normalidade.

Palavras-chave: cognição; loucura; drogas; consciência

Title: **Living altered states - consciousness as an open narrative**

Abstract: Cognitive studies indicate that organization of reality comes as a narrative that emerges in our neural networks. From this point of view, altered states - possibly associated with drugs or psychological diseases - can be viewed as alternative narratives.

keywords: cognition; madness; drugs; consciousness

---

<sup>1</sup> Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/UFRJ e Doutor em Engenharia Civil, COPPE-UFRJ.

## Introdução

As últimas duas décadas foram bastante férteis para o estudo da mente. Considerando a convergência interdisciplinar que caracteriza as pesquisas neste início de século, podemos afirmar que somos, sob o ponto de vista cognitivo, animais com peculiaridades que nos diferenciaram ao permitirem a emergência do que chamamos razão. Estudos em inteligência artificial, psicologia cognitiva e neurociências sugerem que nossa venerada racionalidade é derivada de mecanismos básicos de simulação sensório-motora. Nesse enfoque, nossa concepção de mundo e de nós mesmos é dialeticamente construída e mantida em narrativas que recontamos incessantemente. Um entrelaçamento de narrativas dá ao mundo inteligibilidade e a nós, identidade. Nosso eu pode ser visto como nossa narrativa mais íntima, que mantemos com inesgotável dedicação, sem prestarmos maior atenção a isso.

A neuropsicóloga Angela Bruzzo e o neurocientista Ram Vimal enfatizam a condição paradoxal na qual o eu e o outro, observador e observado, são inseparáveis. “O *self* guarda essa qualidade paradoxal porque a autenticidade de uma identidade fixa, sua solidez repousa precisamente em sua falsidade subjacente, ou seja, em sua abertura ou fluidez estrutural.” (BRUZZO e VIMAL, 2007, p.558). Só existimos enquanto permanência porque nos modificamos, paradoxo que nos remete às primeiras questões da filosofia na Grécia Antiga. Estudos cognitivos contemporâneos indicam que o ordenamento do devir se dá em narrativas. Conforme o neurocientista António Damásio, “Você

existe como um ser mental quando histórias primordiais estão sendo contadas, e só então; contanto que histórias primordiais estejam sendo contadas, e só com essa condição. Você é a música enquanto ela dura.” (DAMÁSIO, 2000, p.246).

Emergentes em um processo dinâmico, auto-organizado para o ordenamento do mundo e de si mesmo, vivemos em estados alterados por natureza. Nestes termos, poderíamos considerar legítimos os “estados alterados da consciência” sob o efeito de drogas psicoativas?

### **Uma aventura no devir**

Pesquisadores contemporâneos sugerem que a racionalidade humana é emergente da interação entre os indivíduos e o ambiente, e admitem implicações dessa ideia não apenas na forma como vemos a inteligência biológica e construímos sistemas artificiais, mas também na forma como encaramos nós mesmos e o mundo a nossa volta. Hauser (2008), por exemplo, sugere que o estudo de animais está começando a ter um papel decisivo, justificado não mais por buscarmos limitações na cognição destes, mas por começarmos a vê-los como formas alternativas de cognição e “pensamento”. Questões como “os animais são inteligentes?” ou “os animais pensam?” não seriam boas perguntas. Cada espécie seria inteligente à sua maneira, na forma como lida com o ambiente. Até mesmo as plantas, de certa forma, seriam inteligentes: apreendem o ambiente a sua volta e se conformam a ele, buscando um melhor futuro. Inteligentes e melhor seriam sempre relativos.

Abordagens transdisciplinares do mental indicam a origem sensório-motora de nossas habilidades cognitivas de alto nível, como a criação e manipulação de conceitos. É reconhecido que a criação de modelos abstratos complexos se apoia em processos naturais auto-

organizáveis voltados para a antecipação e alimentados pela história experiencial tecida em nossa memória. Nos termos de Rom Harré e Grant Gillett, “Cada indivíduo possui uma organização única desses construtos, e eles variam em sua capacidade de modificação à luz da nova experiência e de acordo com a forma como são aplicados aos objetos, incluindo este próprio sujeito ativo.” (HARRÉ e GILLETT, 1999, p.118). Esta “constelação cognitiva” definiria o indivíduo. Nesse ponto de vista, a construção de nossa racionalidade segue um caminho de forma alguma a nós predestinado, revelando-se claro seu caráter contingente. A razão, suas causas e efeitos, seus sujeitos e objetos em suas diversas versões, estaria imbricada com nossa experiência corporal de forma histórica e culturalmente compartilhada.

O cientista cognitivo Giovanni Pezzulo vê a mente como um dispositivo cuja principal função é se ajustar ao futuro, e representações antecipatórias seriam os meios para tal: “graças à antecipação, as ações podem ser selecionadas pela expectativa de serem bem sucedidas, o que permite coordenação com o futuro” (PEZZULO, 2008, p.216). Desenvolvemos mecanismos para lidar com o futuro, os quais podem ser descritos como formas de simulação da realidade externa que dão origem à representação mental. Podemos encarar nossa existência como a aventura de um organismo dotado da faculdade de auto-organização atuando em um mundo em devir. Em busca de antecipação, nos apoiamos em uma narrativa histórica possibilitada pela memória. Henri Atlan, em 1979, antecipou o que defendem pesquisadores neste início de século: o caráter auto-organizante de nosso aparelho cognitivo movido pelo desejo de antecipação, pelo “querer inconsciente auto-organizador do futuro”, seria a base da consciência.

## **Uma narrativa em aberto**

Pesquisas ao fim do século XX conceituam o *self* em termos de um espaço dinâmico onde o eu se posiciona, podendo flutuar dentre posições diferentes e até mesmo opostas, associadas a diferentes vozes que interagem em uma história. O resultado é um *self* complexo e narrativamente estruturado, onde as diferentes posições representariam diferentes pontos de ancoragem. “O *self* pode ser reformulado como o *self* narrativo, o que reflete a natureza incorporada e imaginativa da mente humana, e suas ações, pensamentos e sentimentos entendidos como movimento através do espaço e do tempo.” (HERMANS e outros, 1992, p.27). Mesmo quando externamente em silêncio, nos achamos conversando internamente com nossos críticos, familiares, nossa consciência, nossos deuses, ou nosso reflexo no espelho, “o *self* está embutido em um contexto histórico com profundas implicações tanto para a forma como para o conteúdo das narrativas e dos processos dialógicos” (HERMANS e outros, 1992, p.29).

Damásio associa diretamente a consciência à capacidade narrativa, considerando que a consciência se estabelece quando os cérebros adquirem o poder de contar uma “história sem palavras”: “a história de que existe vida pulsando incessantemente em um organismo, e que os estados do organismo vivo (...) estão continuamente sendo alterados por encontros com objetos ou eventos em seu meio ou também por pensamentos e ajustes do processo da vida.” (DAMÁSIO, 2000, p.51). A intencionalidade que marca o mental estaria associada à capacidade narrativa. “A história encerrada nas imagens da consciência central não é contada por um homúnculo esperto. Tampouco é contada pelo indivíduo considerado como um *self*, pois o *self* central só nasce quando a história é contada, dentro da própria história.” (DAMÁSIO, 2000, p.246). Nestes termos podemos afirmar que não somos o sujeito que conta ou para quem é contada a

história, somos a história. Constatação que traz inevitável perplexidade para o senso comum antropocêntrico e transcendental, perplexidade expressa por Damásio: “o espantoso é que a entidade conhecível do captor acaba de ser criada na narrativa do processo de captação.” (DAMÁSIO, 2000, p.221)

### **Incessante construção do eu**

Mas quem, ou o que, é esse ser que se aventura no futuro construindo incessantes antecipações apoiado em uma memória flexível e criativa? Conforme a visão que se consolida neste início de século, não existe um ser, mas um *sendo*. O eu é visto não como uma substância ou uma função, mas como uma experiência narrativa que emerge em “nossas” redes neurais. Bruzzo e Vimal trabalham com o conceito de metaestabilidade, propondo que fases da formação do eu podem ser comparadas a estados possíveis de um sistema auto-organizante, “cada fase representa um espaço de fase no qual certos processos de desenvolvimento formam poderosos estados atratores” (BRUZZO e VIMAL, 2007, p.550). Internamente, a tríade experiência subjetiva – sujeito – objeto seria uma só atividade em uma rede neural, entretanto, quando projetadas para fora, aparecem distintas, tendo o sujeito como referência. O eu seria a experiência subjetiva deste ponto de referência, o sujeito, “o *self* parece ser constituído por uma coleção de imagens transientes, um *self* construído, uma condensação de experiências relacionadas.” (BRUZZO e VIMAL, 2007, p.551)

A rigor, não haveria uma memória do eu, mas um eu da memória. Existimos apenas como relação, nos reconhecemos continuamente enquanto nos transformamos. Conforme Damásio, “vislumbramos um processo incessante de construção e demolição, e

percebemos que a vida está à mercê desse processo ininterrupto.” “Assim como ciclos de vida e morte reconstroem o organismo e suas partes em conformidade com um plano, a cada momento o cérebro reconstrói o sentido do *self*.” (DAMÁSIO, 2000, p.189) Associando o autismo e a depressão à perda de autoestima, o psicanalista Adam Phillips considera que preservar a sanidade envolveria, essencialmente, manter um *self*, “acreditar numa imagem, numa história ou num conjunto de fantasias preferidas - para amar.” (PHILLIPS, 2005, p.120)

O psicólogo cognitivo Martin Conway reconhece nosso caráter multifacetado: “As representações do eu conceitual são esquemas e categorias socialmente construídos que definem o eu, os outros, e as interações típicas com os outros e com o mundo.” (CONWAY, 2005, p.597) A experiência de alguém como um indivíduo requereria contínuas reativação e renovação dos enlaces dinâmicos de localização da identidade. Consideram Bruzzo e Vimal, “Se esses enlaces não forem periodicamente renovados eles são perdidos, com o risco de um descarrilhamento mórbido do senso de experiência.” (BRUZZO e VIMAL, 2007, p.555) Condições psicopatológicas poderiam ser caracterizadas pela má administração dessa condição potencialmente assustadora de nosso eu. O paralelo entre estados patológicos e estados de flexibilidade cerebral é também considerado por Mendes, Carvalho e Wedeman (2004), que simularam processos de plasticidade neuronal em redes neurais auto-organizadas. São representadas condições supostamente associadas às formas de pensamento delirante, desorganizado e criativo, revelando o quanto pode ser frágil a fronteira entre estados considerados saudáveis e patológicos.

Seria a experiência do louco uma narrativa incompreensível para ou conflitante com as narrativas socialmente estabelecidas? Em um mundo todo ordenado e apoiado em verdades, regras e equações, a narrativa diferente, inédita, sempre corresponderá a conflito com



narrativas estabelecidas. Reconhece Adam Phillips: "Trabalhar com pacientes esquizofrênicos pode tornar as pessoas entusiásticas com relação ao que os loucos podem dizer - muitas vezes não falando, ou não falando das maneiras usuais - que os supostamente são não querem ouvir." (PHILLIPS, 2005, p.113) Argumenta Foucault: "A história da loucura seria a história do Outro - daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser portanto excluído (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o porém (para reduzir-lhe a alteridade) (...)." (FOUCAULT, 1992, p.14) Conforme estudo sobre a implantação do alienismo no Brasil no início do século XX: "Os hospícios consolidam-se inicialmente como espaços destinados à cura, à regeneração e às tarefas de 'assistir, tratar e consolar' um tipo especial de enfermos da razão, incompatibilizados com as disciplinas requeridas pela ordem burguesa." (CUNHA, 1986, p.21)

## **Outras narrativas**

Além da loucura, outras experiências nos oferecem narrativas alternativas que fogem à normalidade. Tal é o caso dos sonhos, das experiências paranormais e do efeito de drogas psicoativas. Essas experiências, tal como a loucura, podem se expressar em narrativas estranhas ao mundo bem comportado e controlado. A atividade no cérebro sonhante, nos termos de Krippner e Combs (2000), é menos "viscosa" que no cérebro em vigília, permitindo passear facilmente por padrões residuais deixados pelos humores e preocupações da vida desperta. Tal fluidez permitiria conexões mais fáceis entre sentimentos, recordações e produtos da imaginação. Em consequência, a experiência do sonho estaria aberta a mais novidades que a experiência desperta.

Estados alterados de percepção são aceitos nos sonhos, onde, a princípio, não oferecem riscos. Já as chamadas substâncias entorpecentes são alvo de polêmica. Estas também oferecem narrativas alternativas, “estados alterados da consciência”, mas são associadas a diversos graus de risco. O “drogado” é tido como um louco circunstancial ou temporário, como sugerido, por exemplo, na expressão “ficar doidão”.

Outras situações que fogem ao controle das regras estabelecidas são as experiências paranormais, como a psicografia e a telepatia. A despeito da pouca predicabilidade das experiências com alucinógenos tipo LSD e da intangibilidade das experiências parapsicológicas, Krippner admite que as primeiras podem conduzir à ocorrência das últimas. Seguindo considerações de Albert Hofmann, Krippner sugere que em estados alterados sob LSD as fronteiras experienciais entre o *self* e o mundo tendem a desaparecer: “Uma parte do *self* avança no mundo exterior, nos objetos, que ganham vida, um outro e mais profundo significado.” (KRIPPNER, 2006) Experiências de superação de fronteiras são também reconhecidos em “mirações” sob efeito de ayahuasca: “As imagens das mirações não são experienciadas dentro da cabeça, mas ‘lá fora’, no mundo astral, que é percebido dentro da mente do sujeito. O dentro gera o fora, e os limites se tornam muito mais fluidos e flexíveis.” (MERCANTE, 2006)

A segurança do conhecido, da normalidade, pode ser vista como um limitador, impondo limitações ao campo de possibilidades de narrativas? Superar fronteiras poderia então ser libertador. Admite Atlan que o imaginário em geral, desde suas derivações mitológicas às teorias “racionalis” são ordenação na desordem. Estas ordenações, embora requeiram associações “livres” e criativas de memórias, não deixam de representar restrições, “uma vez que reduzem os graus de liberdade na exata medida em que associam.” (ATLAN, 1992, p.176) Observam Bruzzo e Vimal sobre as tênues fronteiras que definem o

sujeito: “Ao lado de serem uma fonte de psicopatologias, as fronteiras abertas são um manancial de criatividade e até mesmo de um estado de consciência superior.” (BRUZZO e VIMAL, 2007, p.560)

A rigor, do ponto de vista cognitivo, não haveria narrativas legítimas ou ilegítimas. Persistentes, nos recriamos continuamente, junto a uma representação de mundo. Nos vemos gravitando entre o nada e o tudo, criadores compulsórios, perpétuos mutantes, estados incessantemente alterados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAN, H. **Entre o Cristal e a Fumaça**. Ensaio Sobre a Organização do Ser Vivo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

BRUZZO, A.A.; VIMAL, R.L.P. Self: an adaptive pressure arising from self-organization, chaotic dynamics, and neural darwinism. **Journal of Integrative Neuroscience**. Vol. 6, nº 4, 541-566. Imperial College Press. 2007.

CONWAY, M.A. Memory and the self. **Journal of Memory and Language**. 53, p594-628, 2005.

CUNHA, M.C.P. **O Espelho do Mundo** – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência** - Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Companhia das Letras, 2000.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HARRÉ, R.; GILLET, G. **A Mente Discursiva** – Os Avanços na Ciência Cognitiva. Porto Alegre: Artmed., 1999.

HAUSER, M.D. Animal Minds. In: **Science at the Edge: Conversations with the Leading Scientific Thinkers of Today** Edited by John Brockman , p83-102, 2008.

HERMANS, H.J.M.; KEMPEN, H.J.G.; VAN LOON, R.J. The Dialogical Self – Beyond Individualism and Rationalism. **American Psychologist**. v.47, n.1 p.23-33. 1992.

KRIPPNER, S. LSD and Parapsychological Experiences. **International Symposium on the Occasion of the 100th Birthday of Albert Hofmann**, Suíça, 2006.

KRIPPNER, S.; COMBS, A. Self-organization in the dreaming brain. **Journal of Mind and Behavior** 21 (4):399-412, 2000.

MENDES, D.Q.; CARVALHO, L.A.V.; WEDEMANN, R.S. An Unifying Neuronal Model for Normal and Abnormal Thinking. Learning and Nonlinear Models. **Revista da Sociedade Brasileira de Redes Neurais**, São Paulo, v. 3, p. 1-20, 2004.

MERCANTE, M.S. - The Objectivity of Spiritual Experiences: Spontaneous Mental Imagery and the Spiritual Space. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.5, n.1, p.78-98, 2006.

PEZZULO, G. Coordinating with the Future: The Anticipatory Nature of Representation. **Minds & Machines**. 18:179-225. 2008.